

Teologia do Evangelho de Lucas: um caminho sempre atual

Por

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade e
Maria Nivaneide de Abreu Lima

A palavra evangelho significa feliz anúncio, proclamação de uma novidade que revoluciona a vida dos seres humanos, a saber: a salvação em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Com o tempo, o interesse pela história desse Jesus, que “andou por toda parte fazendo o bem” (At 10,38), fomentou o surgimento de um novo gênero literário, o evangelho, a narração da história de Jesus à luz dos eventos pascais, fruto do esforço das comunidades para formular e exprimir o significado dessa pessoa e de sua obra, bem como para explicitar a vida cristã, enquanto convite ao seguimento de Cristo. Tal anúncio consiste na mensagem essencial da fé e exige uma tomada de posição.

Introdução

Os evangelhos têm a pretensão de mostrar que é na totalidade da vida de Jesus que encontramos salvação. Mais do que relatos de uma história, são testemunhos de fé. Seu ponto de partida é a experiência dos primeiros discípulos, que aderiram a Jesus e foram impactados pela vida, palavras e comportamento do homem de Nazaré; que sofreram o ruir de suas esperanças com a morte do mestre; e que reencontraram, em sua ressurreição, sentido e resposta para a existência.

É importante sublinhar que cada evangelho está referido a uma comunidade determinada. Cada autor narra a história de

Jesus de um modo que faça sentido para a comunidade à qual escreve e que suscite nela a adesão à sua proposta do Cristo. Assim, os evangelhos não são neutros; pelo contrário, estão profundamente marcados pela fé da comunidade, bem como por seus desafios e crises. Neste artigo, refletiremos sobre alguns aspectos do Evangelho de Lucas que poderão nos ajudar em nosso caminho de seguimento de Cristo e em nossos esforços de evangelização. Nosso intuito é apresentar a mensagem central do terceiro evangelho, sublinhando seu caráter atual, de forma que a Palavra proclamada seja eficaz para o tempo presente.

1. A obra lucana em seu projeto literário e teológico

O Evangelho de Lucas é uma proclamação do acontecido com Cristo Jesus e da salvação realizada por ele no mistério de sua encarnação, morte e ressurreição. É um manual de catequese, que ajuda no processo de iniciação e de reiniciação à fé. É fruto do esforço da Igreja depois de longo desenvolvimento da prática evangelizadora. Assim, apresenta as características de quem deseja se tornar discípulo missionário de Jesus e as exigências que lhe são feitas, tais como:

- a opção radical por Jesus e pela proposta do Reino, na qual é priorizada a vida plena para todos, sem discriminações ou privilégios;
- o ato de carregar a cruz como expressão do dom total de si mesmo a Deus, que significa assumir, com liberdade e responsabilidade, as consequências da opção por Cristo;
- o serviço à Palavra com docilidade pressurosa, percebendo os sinais dos tempos e a urgência do Reino de Deus;
- a oração pessoal e a vivência litúrgica como “espaços” privilegiados da experiência com o Cristo ressuscitado, que evangeliza o mundo atual mediante a ação do Espírito Santo nos discípulos missionários.

1.1 O autor e sua proposta

O autor do Evangelho de Lucas seria um convertido ao seguimento de Jesus, proveniente do ambiente da cultura helenista, pertencente à classe social alta, conhecedor da retórica grega e da exegese judaica e muito familiarizado com a versão grega do Antigo Testamento (LXX); um gentio que, entre os anos 80-85 d.C., escreve a comunidades cristãs fora de Israel (CASALEGNO, 2003, p. 235-240), que não entendem a cultura na qual surgiu a mensagem de Jesus. Sua intenção – explicitada no prólogo do evangelho: “para que conheças a solidez dos ensinamentos que recebestes” (Lc 1,4) – revela seu interesse de revigorar a fidelidade ao ensinamento e à prática transmitidos pela tradição apostólica e garantir a autenticidade da doutrina, mostrando que as práticas e os ensinamentos assumidos pelas comunidades de sua época estão enraizados no tempo de Jesus.

A perspectiva adotada pelo autor está em função da apresentação do cristianismo como uma continuidade e um desdobramento legítimos do judaísmo (cf. At 23,6; 24,21). O autor pretende afirmar que a salvação prometida a Israel e realizada em Jesus é transmitida pela corrente da tradição apostólica. Para isso, recolhe as tradições sobre o ministério de Jesus, reelabora-as e compõe uma catequese em duas partes, evangelho e Atos dos Apóstolos, cuja unidade é defendida pela maioria dos estudiosos do Novo Testamento (CASALEGNO, 2005, p. 29-32). Desse modo, o autor indica como as ações e as palavras de Jesus foram compreendidas e prolongadas por seus discípulos (GEORGE, 1982, p. 6).

O Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos, em sua unidade literária e teológica, apresentam o caminho profético e salvador através do qual Deus Pai percorre um trajeto com a humanidade, inicialmente com o povo da aliança, depois por meio de Jesus e das primeiras comunidades de seus seguidores

e, enfim, com cada geração, até a plenitude do Reino para todos preparado.

1.2 Seguir Jesus pelo caminho

Cada leitor de Lucas é, ao mesmo tempo, convidado e desafiado a percorrer esse caminho de salvação, a olhar retrospectivamente o caminhar da Palavra de Deus, presente nas promessas feitas a Israel, o caminhar de Jesus como realização dessas promessas e, por fim, o caminhar da Palavra proclamada pelos apóstolos na força do Espírito. Tais etapas estão intimamente relacionadas. Formam um único itinerário: o caminho da salvação realizada por Deus na história humana, que alcança os nossos tempos, nos interpela, nos dá sentido à existência e nos impele a aventurar-nos nessa travessia.

O tema do “caminho”, na obra lucana, qualifica a vida e a comunidade cristã. O uso do verbo “ir” (passar, caminhar), que aparece 51 vezes no evangelho e 37 nos Atos, confirma essa perspectiva. Esse verbo aparece tanto nos relatos da infância, para indicar que os pais de Jesus estão a caminho de Jerusalém (cf. 1,39; 2,3.41), como no final do episódio da sinagoga de Nazaré (cf. 4,30), na inauguração de sua pregação na Galileia (cf. 4,14-9,50).

Nos caminhos da Galileia, Jesus pregava e anunciava a Boa-Nova do Reino de Deus (cf. 8,1) por palavras e obras: por meio de parábolas que mostram como se deve ouvir a Palavra de Deus, dar-lhe atenção (cf. 8,4-21), e de ações que comprovavam ser ele o Messias (cf. 8,22-56). No sermão da planície, é apresentado como profeta, que traz uma mensagem de fraternidade, filiação, amor e misericórdia (cf. 6,12-49).

Em Lc 9,51, Jesus toma decididamente o caminho de Jerusalém (cf. 9,51-19,27), seguido por seus discípulos e grande multidão. Seu destino é Jerusalém, centro e símbolo do antigo

povo de Deus, o coração de todas as expectativas e esperanças de Israel, onde morrerá para entrar na glória e, desse modo, cumprir todas as profecias a seu respeito (cf. 24,27).

No caminho para Jerusalém, além das instruções acerca das condições do seguimento (cf. 9,51-10,42), da oração (cf. 11,1-13) e das características do verdadeiro discípulo (FABRIS, 2006, p. 13) – para que os discípulos compreendam as implicações da mensagem de Jesus na práxis cotidiana –, é narrada a parábola que foi universalizada com o título de “o Bom Samaritano” (cf. 10,25-37). Nessa parábola, a vivência do seguimento de Jesus é a execução da vocação do ser humano expressa na totalidade das Escrituras, vocação que, em resumo, implica a tarefa de amar efetivamente a Deus e ao outro que nos interpela no caminho para a vida eterna.

No capítulo 15 do Evangelho de Lucas, encontramos três parábolas que tratam do tema da alegria em encontrar o que se havia perdido e nos revelam a maneira como Deus age – norma para a vida dos discípulos e da comunidade cristã. Prosseguindo o caminho, continuam as instruções sobre o uso dos bens (cf. Lc 16), sobre a espera vigilante do Filho do homem (cf. 17,22-37; 18,1-8; 19,11-27) e sobre a salvação e o perdão universais, oferecidos também aos excluídos e pecadores (cf. 17,11-19; 18,9-14; 19,1-10).

O último episódio da parte central do Evangelho de Lucas, a grande viagem de Jesus para Jerusalém, acontece na casa do chefe dos cobradores de impostos (cf. 19,1-10). Nesse ponto, mostra-se a opção por Jesus e o abandono do ídolo das riquezas. O relato mostra o processo de iniciação à fé realizado por Zaqueu. No início, ele demonstra um fascínio por Jesus, mas poderia ter se detido aí. A admiração por Jesus ainda não é uma adesão de vida aos propósitos do Reino. Foi a atitude de Jesus, contrária à da multidão, que levou Zaqueu a uma fé madura, com consequências práticas para a própria vida.

O caminhar de Jesus não termina com a chegada a Jerusalém e com a paixão que sofreu. Essa caminhada continua nas cenas seguintes após sua morte, com os discípulos de Emaús (cf. 24,28). Ela se conclui em Jerusalém, quando, reunido com os discípulos, Jesus sobe aos céus (cf. At 1,10-11) e derrama o seu Espírito sobre a Igreja (cf. At 2,32.35). Esta, por sua vez, continuará a “caminhar”. O protagonista dessa caminhada é, a partir de então, a “Palavra”, que será anunciada com intrepidez pelos apóstolos desde Jerusalém até os confins do mundo, conforme o programa apresentado em At 1,8.

1.3 Assumir com liberdade e responsabilidade as consequências da opção por Cristo

Pensar a vida e a comunidade cristã à luz da metáfora do caminho implica abertura a uma experiência dinâmica e progressiva, a uma aventura que brota do encontro com Jesus e da adesão à sua proposta: “Segue-me” (5,27). É ao longo desse caminho que cada discípulo, de ontem e de hoje, aprende do Senhor que o seguimento dele exige uma opção radical: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me” (9,23); aprende que, nesse percurso, pode encontrar acolhimento e hospitalidade, como na casa de Marta e Maria (cf. 10,38-42), mas também recusa e rejeição, como no território dos samaritanos (cf. 9,53).

O caminho de Jesus oferece riscos, não se amolda ao projeto de alguém que pretende viver um cristianismo *light* ou sonha com sucesso ou prestígio.

Seguir Jesus quer dizer ser fiel a alguém que é perseguido, que não tem seguranças sociais e familiares (9,57-62); uma pessoa que está sendo procurada pelo poder político como perigosa (13,31-32); alguém que é rejeitado pelos chefes e dirigentes religiosos (13,34) [...]. É o caminho da fidelidade e da

coragem, mesmo diante da repressão violenta das estruturas do poder, sinagogas e reis, mesmo perante a morte violenta (21,12) (FABRIS, 2006, p. 189; 202).

O agir cristão é um caminhar com Jesus cada dia, até a plena realização do propósito de Deus. Isso exige decisão firme, pois os discípulos estão vinculados ao caminho de Jesus e devem agir em conformidade com os ensinamentos e com a vida do Mestre. Desse modo, o caminhar com Cristo deve ser entendido como relacionamento profundo e íntimo com Deus, tendo consequências práticas na vida cotidiana. Desse modo, não há lugar para uma religiosidade intimista e subjetivista, sem experiência pessoal com o Deus misericordioso. O seguimento de Jesus consiste em adesão pessoal, comprometimento de vida, não apenas em crenças em formulações doutrinárias. Seus seguidores devem amar como ele amou, ter misericórdia como ele teve misericórdia, pois, com sua vida, palavras e comportamento, Jesus nos mostrou que essa atitude partia de Deus mesmo: “Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai” (Lc 6,36).

A seguir, refletiremos sobre o relato da manifestação de Jesus aos discípulos de Emaús, que, no caminho com Cristo ressuscitado, passam por um processo de reiniciação na fé. Eles vão do desânimo à esperança e da religião à experiência de fé, que consiste em uma adesão da própria vida ao projeto do Reino, celebrado e proclamado. Tornam-se discípulos e são investidos como missionários pelo Cristo ressuscitado, presente na caminhada, na Palavra e na liturgia. É bom exemplo de como podemos, hoje, reencantar os desencantados com o cristianismo.

2. O caminho para Emaús

O episódio do caminho para Emaús (cf. Lc 24,13-35), resumo da obra lucana, encontra-se no contexto da atividade de

Jesus em Jerusalém (cf. 19,28-24,53), lugar onde acontece a plenificação da salvação operada em Cristo. O evangelista segue estruturando sua narrativa no contexto de uma caminhada e, como escreve na perspectiva da história da salvação, acentua a sucessão dos acontecimentos em um relato marcado por oposições e contrastes entre seu início e seu final, tanto no que diz respeito à situação – no início os discípulos estão saindo de Jerusalém (cf. v. 13) e, no final, retornam (cf. v. 33) – quanto o que toca à sua compreensão, passando da ignorância ao conhecimento: no início estão com os olhos impedidos de ver (cf. v. 16), no final estes se abrem e reconhecem Jesus (cf. v. 31) (SKA, 2001, p. 48-49).

Essa estrutura nos revela ser preocupação do autor a transmissão de uma experiência que é fundadora para a comunidade. Experiência que todo cristão deve fazer para seguir Jesus. O relato pode ser organizado em cinco partes, a saber: a) 13-16 – os discípulos se afastam, Jesus se aproxima, mas os olhos estão impedidos de reconhecê-lo; b) 17-24 – o diálogo de Jesus com os dois: frustração e desesperança; c) 25-27 – a longa explicação das Escrituras; d) 28-31 – o convite, a fração do pão e o reconhecimento: abertura dos olhos; e) 32-35 – à experiência do encontro com o Senhor segue o retorno para a comunidade.

No relato, a abertura das Escrituras constitui um divisor de águas no itinerário da fé pascal. Anteriormente, o acontecido com Jesus parecia incompreensível, mas quem conhece as Escrituras, quem as compreende bem, é capaz de perceber a lógica do agir de Deus na história. Por isso, Jesus repreende a lentidão dos discípulos em crer que ele ressuscitou. A explicação das Escrituras é essencial para compreender o evento Cristo. Os profetas dão testemunho da inevitabilidade da morte de Jesus e da entrada dele na glória do Pai (CASALEGNO, 2003, p. 195).

O processo de assimilação do acontecido com Jesus se realizou progressivamente, ao longo de uma caminhada de

reflexão sobre as Escrituras à luz dos eventos pascais. Tal processo consistiu não apenas na abertura das Escrituras, mas também em longo percurso pela história de Jesus, considerando-a inserida na história do povo de Israel. Os discípulos releeram toda a vida de Jesus à luz da páscoa, pois a ressurreição não tem sentido em si mesma, mas ganha sentido por meio da correspondência com o modo como Jesus viveu e morreu. Há íntima relação entre a vida, a morte e a ressurreição de Jesus. No final da caminhada para Emaús, a meta foi atingida. Verdadeiramente o Senhor ressuscitou! E agora? O que fazer, senão retornar à comunidade? De fato, esse itinerário não teria sentido se não fosse partilhado, se não fizesse parte da experiência de uma comunidade. Por isso a urgência de retornar a Jerusalém para anunciar os acontecimentos do caminho, uma vez que essa experiência não é vivida isoladamente, mas em comunidade, junto àqueles que professam e vivem essa mesma fé no Ressuscitado.

A cidade de Jerusalém simboliza o lugar de irradiação da salvação. Não é simplesmente um lugar geográfico, mas sim teológico. Para Lucas, as nações todas não precisarão se dirigir a Jerusalém para obter a salvação. Ao contrário, é Jerusalém, simbolizada por cada cristão, que irá a cada nação anunciar a salvação realizada em Cristo. Cada cristão que realizou o percurso e reconheceu Jesus Cristo ressuscitado no final do caminho deve agora levar sua experiência às nações que anseiam pela libertação, verificada na vida concreta de todo aquele que adere a essa experiência.

Considerações finais

A partir da experiência com o Ressuscitado, os cristãos fizeram uma releitura da vida de Jesus, de seus gestos e de suas palavras e condensaram essa experiência nos evangelhos. Um dos objetivos principais dos relatos evangélicos é mostrar que o

Ressuscitado não é outro senão o Nazareno, o Crucificado. Esse processo de releitura, na obra lucana, está expresso na narrativa de uma grande viagem que se apresenta como verdadeiro itinerário da experiência pascal.

No texto lucano, a grande viagem de Jesus a Jerusalém constitui um programa de catequese cujo objetivo é fazer que os discípulos possam compreender o plano salvífico de Deus. Assim, o relato da caminhada de Emaús torna-se uma catequese pascal, cujo ponto de partida é o evento Cristo. Portanto, para compreender a ressurreição de Jesus, é necessário vê-la em continuidade com sua vida e morte; ou seja, a história de Jesus não termina na cruz.

No processo de abertura dos olhos dos discípulos, a explicação das Escrituras torna-se indispensável. Ela prepara o terreno com suas sementes, cujos frutos serão colhidos mais tarde, na “fração do pão”. E as sementes lançadas despertam nos ouvintes o desejo de ser discípulos de Jesus, de se pôr a caminho com ele, de conhecê-lo mais intimamente, e para isso é necessário entrar na dinâmica do seguimento de Jesus e da opção por ele.

O ponto de partida da catequese pascal situa-se na realidade existencial das pessoas com as quais Jesus se encontra. Isso porque o conteúdo da fé cristã é a vida de Jesus e, por isso, tal fé somente poderia ser acolhida na situação existencial de cada pessoa e por meio da pertença à comunidade. Não obstante, mesmo partindo de uma situação existencial, a experiência com o Ressuscitado é sempre uma proposta. Esta vem de fora, pois é Jesus quem interpela as pessoas pela mediação da comunidade, a qual guarda e transmite o depósito da fé. A comunidade narra esse evento para que o ouvinte de todos os tempos se ponha a caminho, faça o mesmo percurso e se deixe interpelar pelo Senhor, como fizeram os discípulos.

Referências bibliográficas

- BARREIRO, A. *O itinerário da fé pascal: a experiência dos discípulos de Emaús e a nossa* (Lc 24,13-35). São Paulo: Loyola, 2001.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada: edição pastoral*. São Paulo: Paulus, 2018.
- CASALEGNO, Alberto. *Lucas: a caminho com Jesus missionário. Introdução ao terceiro evangelho e a sua teologia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- FABRIS, Rinaldo. O Evangelho segundo Lucas. In: _____; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 2006.
- GEORGE, A. *Leitura do Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1982. (Cadernos bíblicos, 13).
- GOURGUES, Michel. *As parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MESTERS, C.; OROFINO, F. *Pé no chão, sonho no coração: olhar no espelho das primeiras comunidades*. São Leopoldo: Cebi, 2001.
- MOXNES, H. *A economia do Reino: conflito social e relações econômicas no Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1997.
- PENALVA, José. *Pensar Jesus a partir de Lucas*. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

RETAMALES, Santiago Silva. *Discípulo de Jesus e discipulado segundo a obra de São Lucas*. São Paulo: Paulus, 2005.

RICHARD, P. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1999.

RIUS-CAMPS, J. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*. São Paulo: Paulus, 1997.

SKA, Jean Louis. *O Deus oleiro, dançarino e jardineiro: ensaios de antropologia bíblica*. São Paulo: Loyola, 2001.

STORNILO, I. *Como ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, nj, é graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje – BH), onde também cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica e lecionou por alguns anos. Atualmente, leciona na Faculdade Católica de Fortaleza e na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas – teologia apocalíptica* (Paulinas). E-mail: aylanj@gmail.com.

Maria Nivaneide de Abreu Lima é bacharela em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Possui graduação em Letras – Português e Espanhol – pela Universidade Federal do Ceará (2008). Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa.

Publicado na Revista Pastoral de Março - Abril Ed. 326 - Ano 60
<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-biblicos/teologia-do-evangelho-de-lucas-um-caminho-sempre-atual/>